

UM NOVO BRETTON WOODS OU A LÓGICA DA GUERRA?

Paulo Alves de Lima Filho

Introdução

A história apresenta-se nestes dias através de uma situação de encavalamento de todas as suas principais categorias sintéticas e regulares, categorias sociais tão regulares que mais se assemelham às naturais. Os cinco cavaleiros do apocalipse enfeixam-se célere e incontrolavelmente sob a batuta poderosa do capital financeiro. A guerra, a revolução, a crise, a catástrofe e a casualidade cavalgam freneticamente e sem rumo. Para o cúmulo dos pesares do status quo, a casualidade fez ocorrer o momento de colapso da longa crise iniciada em meados dos anos 70 justamente durante a disputa eleitoral à presidência da primeira e única potência mundial capitalista em atividade.

A arrancada para a frente do capital financeiro sob a pressão das taxas de lucro decrescentes após o fim do ciclo de longa duração do pós segunda guerra, os chamados trinta gloriosos, impôs à acumulação mundial do capital a expansão exponencial do capital fictício (assim definido por Marx) na ordem de várias vezes o montante do crescimento do mundo das mercadorias que compõem a somatória dos PIB nacionais.¹

A catástrofe apresenta-se sob a forma da impossibilidade de dar forma monetária a todas as trocas, da sua interrupção e subseqüentes ruptura e desmanche de toda a cadeia mundial de acumulação. A sua casual emergência na campanha presidencial norte-americana redimensionou dramaticamente os dois principais candidatos, ao ponto de eles ficarem pateticamente pequenos diante da desse estágio supremo da crise e fazendo com que a longa dissertação de ambos sobre seu entendimento das variantes da

¹ Paulani, Leda “A riqueza financeira considerados aí ações, títulos de dívidas privados e públicos e aplicações bancárias, se você pegar esse valor mundial de 1980 até 2006, esse valor cresceu 14 vezes. Agora se você pegar o quanto cresceu o PIB mundial no mesmo período, não cresceu cinco. “, in Radioagência NP, 23/09/2008.

política da guerra infinita soasse como paroquialismo cego e surdo aos reclamos da grandiosidade deles exigida pela história. Cegos no olho de um furacão.

Afinal ambos de fato dedicaram a maior parte do seu tempo a se projetar como fatores diferenciados do complexo industrial-militar, esta a suprema mensagem dos futuros governantes da potência mundial decadente². Os comandantes do complexo da guerra apresentavam-se ao mundo priorizando não a catástrofe mundial que os liquidaria como governantes supremos da terra, em cujas entranhas rugem mais guerras e catástrofes assim como as revoluções. A nova fase da contra-revolução em processo, expressada na guerra infinita, mostrou-se assustadoramente cega às conseqüências mundiais de sua marcha³.

Nesse contexto ouvimos clamores por uma nova ordem financeira mundial, vindos tanto das bandas do stablishment norte-americano como dos representantes dos países candidatos a futuros alvos preferenciais ou inevitáveis da catástrofe. Fala-se na necessidade de um novo Bretton Woods como se a história pudesse repetir-se tão virtuosamente quanto no após II guerra.

1. Bretton Woods na história

As duas crises mundiais até então já ocorridas e seu séquito de guerras e catástrofes haviam conferido à reprodução mundial capitalista, entre os anos 20 e o pós-II Guerra Mundial, a evidente e palpável possibilidade de ruptura histórica no sentido de sua liquidação revolucionária. Havia um vasto movimento social navegando as águas da revolução social e apontado para a emancipação do trabalho, ou seja, para ir além dos marcos do capital. Uma revolução cujo centro sísmico localizava-se no coração industrial do sistema mundial do capitalismo, mais particularmente na Europa

²Obama.Barack: "And so... if the question is who is best-equipped as the next president to make good decisions about how we use our military, how we make sure that we are prepared and ready for the next conflict, then I think we can take a look at our judgment." (speech in the debate, in Tomgram: Ira Chernus- campaign riptides from the forgotten war, 30/09/2008); também Chernus, Ira "How Forgotten Iraq May Elect the Next President. Whose War Will Win the Election -- McCain's or Obama's?" in Tomgram,30/09/2008).

³"Despite the popular war-weariness, both presidential candidates while praising the surge in Iraq unquestionably support the expanding war in Afghanistan. The attack on Afghanistan, used by the neocons as the bridge to an occupied Iraq, has committed the entire political class to an impossible project." In Cockburn, Patrick "Obama and McCain's goofy afghan bluster" 7 Oct 2008, Couterpunch).

Ocidental, com o proletariado alemão na sua vanguarda. Deu-se a casualidade de ela irromper e vingar no elo mais fraco da cadeia imperialista, a Rússia Imperial devastada pela I Guerra Mundial e guerras imperialistas anteriores.

O capital financeiro já impusera a sua velocidade à história, a aceleração incontida de seu apetite por novos e ampliados mercados cuja satisfação impunha a guerra como sua forma política, guerra que por força da interpenetração universal da produção e comércio tornara-se mundial. Através e para a guerra processam-se as industrializações européias nas nações das revoluções burguesas tardias entre os fins do século XIX e primeiras décadas do século XX. Estas completam a mundialização do capital e tensionam ao máximo as contradições de classe em cada país. É o momento histórico mais importante de disputa dos destinos da emancipação humana entre as forças do reino do capital e as forças da emancipação dos trabalhadores. Momento esse que se estende até o imediato pós II Guerra Mundial.

Muito embora os trabalhadores hajam alegremente aceitado matar-se uns aos outros nos campos de batalha, a indicar a vitória ideológica e política da burguesia imperialista e outras classes e camadas a ela aliadas contra a política de paz dos comunistas e socialistas, a revolução russa de 1917 prolongou e aprofundou a possibilidade da derrota do capital, criando um poderoso bloco político mundial. Os destinos da II Guerra reforçaram esse bloco, pois os feitos desta e os da vanguarda anticomunista promoveram fantástica destruição material e humana e acumularam imenso ódio entre os povos do planeta.

Entregue a si mesmo, o capital - capital financeiro no comando – promovera duas guerras mundiais e inúmeras guerras regionais, coloniais e neocoloniais e dera forma definitiva à civilização capitalista, aos seus complexos produtivo, ideológico, educacional e científico-tecnológico, vinculando-os à guerra e sua promoção. Quando se apossa da tecnologia da bomba nuclear, a guerra muda de qualidade e impõe novos limites às relações internacionais, limites que impedissem a destruição da humanidade. A evidência da catástrofe mundial possível foi oferecida pelos EUA através de sua desumana experiência laboratorial - demonstrativa em Hiroshima e Nagasaki.

A possibilidade desde então real de auto-extermínio da humanidade através da próxima – a terceira – guerra, guerra atômica, transforma a população do planeta e todas as formas de vida nele existentes em reféns da imanente necessidade da acumulação do capital através da reprodução do complexo industrial-militar, assim como do infinito, voraz e crescente consumo das mercadorias. Infinito consumo esse conseguido via

multiplicação infinita das mercadorias consumidas por cada consumidor, ou seja, por meio da diminuição permanente da taxa de uso das mercadorias, isto é, da expansão infinita dos mercados consumidores através do que foi posteriormente chamado de consumismo.⁴

Assim, finda a II Guerra, terminava politicamente a velha ordem mundial anterior a ela. Urgia assentar uma nova ordem em novo sentido reprodutivo, econômico, financeiro, ideológico, etc., ordem que recolocasse a vitória do capital em situação de prosseguir sua expansão e simultaneamente garantidora da ascensão dos EUA rumo ao usufruto das novas benesses da hegemonia mundial. Em outras palavras, prosseguisse a ascensão imperialista do capital financeiro, em primeiro lugar o dos Estados Unidos da América.

Esta lógica do capital conflitou com a proposta de uma nova ordem financeira mundial garantidora das trocas mundiais de mercadoria capaz de navegar o mais incólume possível nas tormentas cíclicas iminentes ao capitalismo, o mais protegida possível da política dos diktats do imperialismo tradicional. Uma nova ordem financeira mundial ao máximo protegida do azar do capital, sob forte controle social mundial, controle público. A mesma idéia norteou a reorganização das relações políticas internacionais através de instituição pública poderosa, a ONU.

No entanto, uma e outra coisa foram impossíveis de realizar. Gorou a idéia de criação de uma moeda fiduciária substituidora de qualquer moeda nacional, descontaminada de apelos políticos imediatos por parte de qualquer governo nacional. Idem a idéia de dotar cada país de tal quantidade de moeda, capaz de apoiar decisivamente cada país nas futuras crises cíclicas, sem fazê-lo submeter-se a imperativos político-econômicos unilaterais por parte de credores ou potências mais poderosas.

A proposta de Keynes foi rejeitada e impôs-se a dos EUA, uma ordem financeira mundial centrada na moeda da potência vitoriosa. Cumpriam-se assim os ditames iminentes ao capital. Bretton Woods assumia a feição estadunidense, a permitir ao capital financeiro prosseguir sua marcha triunfal pela história.

O curioso e revelador desse episódio foi que tal desfecho das negociações de Bretton Woods tenha sido promovido pelo bloco de forças políticas coligadas em torno do New Deal, coalizão que promovera nos EUA, com FDR à sua frente, uma verdadeira

⁴ Mészáros, István *Beyond Capital* Monthly review Press, 1995 , ch. 15.

revolução política contrária à ordem liberal belicista, que estabeleceria forte controle social sobre esta, liquidando o estado de plena liberdade e irresponsabilidade do capital financeiro e estabelecido nacionalmente sua centralidade nos interesses maiores dos trabalhadores e setores menos protegidos da sociedade norte-americana. O estado nacional dos EUA, transformado assim em super-capitalista coletivo predestinado à domesticação do capital impõe uma política internacional de continuidade da marcha do capital financeiro.

2. Considerações sobre um New Bretton Woods.

Muito e com razão se tem falado agora na necessidade de uma nova ordem financeira mundial, de um Novo Bretton Woods. Clinton apoia tal proposta em 1997, porém seu governo é o mais pródigo acelerador do desmanche do caráter público do estado, em especial no que respeita à transição das funções de defesa (e mesmo de ataque) do complexo industrial-militar a empresas privadas⁵.

A economia política centrada no patriotismo do progresso, na expansão da soberania nacional e sua projeção internacional à la Lutz, abraçada por LaRouche, dissemina essa proposta democrata⁶. As estrelas keynesianas expulsas do Olimpo governamental também se somam a ela. Em comum, o fato de não serem críticos do capital, a incompreensão básica sobre as razões do capital e sua história.

Marx, ao contrário, considera ser a sociedade da plena liberdade do capital exatamente a sua expressão suprema. Afirmava ele nos seus Grundrisse: “O que a natureza do capital entranha, o que se manifesta e se converte em real como necessidade externa o é por meio da concorrência e significa pura e simplesmente isto: que os diversos capitais se impõem reciprocamente e se impõem a si mesmos as determinações imanentes do capital. (...) O que se considera [aqui] como a liberdade individual é, na

⁵ “The biggest private expansion into intelligence and other areas of government occurred under the presidency of Bill Clinton. He seems not to have had the same anti-governmental and neoconservative motives as the privatizers of both the Reagan and Bush II eras. His policies typically involved an indifference to—perhaps even an ignorance of—what was actually being done to democratic, accountable government in the name of cost-cutting and allegedly greater efficiency. It is one of the strengths of Shorrock’s study that he goes into detail on Clinton’s contributions to the wholesale privatization of our government, and of the intelligence agencies in particular. (in Johnson, Chalmers “Military industrial complex: it’s much later than you think”, 27 July 2008).

⁶ LaRouche on dollar collapse: “Create a New Bretton Woods, end post-industrial society”, November 2007.

realidade, a supressão de toda liberdade e a sujeição total da individualidade a condições sociais que adotam a forma de potências objetivas, mais ainda, de objetos todo-poderosos, de objetos independentes dos indivíduos interessados.”⁷

A economia política da centralidade do desenvolvimento nacional e internacional das forças produtivas - e, conseqüentemente, de uma educação e ciência que multiplicassem as capacidades humanas - e de uma ordem mundial de nações soberanas simplesmente não dá conta da dialética imanente à lógica do capital na construção de sua história como história da humanidade a ele submetida. São incapazes de explicar a irracionalidade, a destrutividade e absurdos da ordem do capital liberado de controles sociais enquanto ordem capitalista, de como o capital esfarelou todos os intentos de controle social sobre si, seja os do pós-capitalismo - experiência da União Soviética e do que se chamou campo socialista - ou dos estados do bem-estar social.⁸

O fato de neste exato momento em que a crise financeira adota dimensões mundiais catastróficas os dois candidatos à presidência dos EUA se postarem como os guardiões mais extremados da guerra infinita a ser continuada, bem nos dá a dimensão da tragédia, de tal modo a ser possível nos indagarmos, tal como o faz Engelhardt, “Whose war, McCain's or Obama's, will be the decisive one in American politics this year?”.⁹ Tal fato confirma a força dos laços evidenciadores da subordinação da política aos interesses privados da guerra, do complexo industrial-militar expandido de forma espetacular e única, como nunca depois da II Guerra Mundial.

⁷ Marx, Karl Grundrisse.

⁸ “The strategic issue within which I situate this discussion, is not, by itself, a new issue. Since approximately 1877, the British monarchy had always centered its geopolitical doctrine on ensuring the fostering of mutually devastating conflicts between Germany and Russia, as the central feature of its grand strategy. All important initiatives for the betterment of humanity, since the U.S. Civil War, have centered upon implicit cooperation of the U.S.A. with key nations of continental Eurasia for the kinds of economic development associated with the policies of Benjamin Franklin, Alexander Hamilton, Friedrich List, and Henry C. Carey”.in LaRouche, “Vernadsky’s strategy”, 26 de abril de 2001).

⁹ Tom Engelhardt, 24/08/2008, on Ira Chernus article,. “How forgotten...” Op.cit.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A estatização das dívidas privadas não ultimarà a catástrofe. Apenas reafirma a ordem atual, garantindo-a através do apoio aos seus bancos mais poderosos, expressão máxima do capital financeiro e suas potências nacionais.¹⁰

A catástrofe financeira e outras simultâneas a ela imprimem o selo da ruptura histórica na reprodução social mundial. A guerra infinita ainda vigente exacerba ao intolerável tal possibilidade, ao ponto de Medvedev falar na hipótese de instaurar-se o caos mundial.¹¹ Ao conclamar os povos à não utilização da guerra como recurso político, coloca-se também do lado daqueles que querem uma nova ordem mundial.¹²

¹⁰ “El Plan saldrá adelante y ayudará a algunos bancos a ganar tiempo. Pero no resolverá la crisis financiera. El déficit de los EEUU crecerá todavía más. El umbral de máximo endeudamiento ha crecido con las últimas estatizaciones otros 10,6 billones de dólares: está, pues, ahora en los 11,3 billones. Sin aumentar los impuestos, lo único que pueden hacer los EEUU es emitir y lanzar al mercado más deuda pública. Ya hoy, las importaciones estadounidenses de capital precisan de 4 mil millones diarios. Eso no puede sentarle bien al dólar. Ya se acabó otra vez su efímero vuelo, y volverá a caer”. (in Krätke, Michael, “La hegemonia del dólar y el capitalismo estadounidense llegaron a su fin”, 28/09/2008).

8. “Seven years ago, the United States adopted a domination strategy, which ruined the chance to build an ideology-free and truly democratic world. The Americans withdrew from the Anti-Ballistic Missiles Treaty and invaded Iraq. As a result, new divisions emerged. The West bolstered the unilateral independence declaration in Kosovo and revived its Cold-War-era containment policy. Fortunately, a fully-fledged new edition of the Cold War is not in the offing. What is happening now is an acute crisis of Euro-Atlanticism based on unipolarity. Tackling this crisis is a matter for all.

Used outside the law, force breeds universal chaos and war. Interpreted with bias in mind, international agreements unravel.

It is imperative that war is no longer part of the accepted arsenal in international politics. It is equally imperative that all nations condemn unilateral domination designs as attempts to undermine the rights and legitimate interests of sovereign states. No national law can be allowed to play an international role. The best available instrument for enforcing these rules is the United Nations. (in “Medvedev: unipolarity or blocs have no future”, Radio Golos Rossii, 8/10/2008; italics from author PALF).

¹² “Dmitri Medvedev urged all countries, large and small, to reject war as a tool in their policy. The Russian leader also set out five guidelines for tackling the global economic crisis. First, tighter national and international regulation. Second, answerability to shareholders for preventing bubbles. Third, better risk management. Fourth, greater openness, coupled with higher auditing and rating standards. And fifth, equitable access to benefits from economic globalization. Russia believes the world needs an entirely new financial and economic architecture for itself. It also insists that the G-8 must address problems together with China, India, South Africa, Mexico and Brazil.” (in Medvedev: “Unipolar system of international security and economics is hopeless”, Radio Golos Rossii, 8/10/2008).

Embora haja notícias sobre tratativas de paz no Afeganistão, com reflexos posteriores sobre o Iraque e Paquistão, nada nos diz do abandono da política da guerra infinita.¹³ A guerra continuará, muito embora sua contribuição para a catástrofe financeira seja evidente e ainda mais, carecendo o complexo industrial-militar dos seus alardeados atributos de eficiência bélica inigualável.¹⁴

As forças da guerra continuarão a promovê-la, quiçá para quais outras paragens - Geórgia, Rússia, Paquistão, Irã, quem sabe? Uma nova guerra fria está mais próxima do que uma paz universal imediata. Há até quem fale em planos de uma nova guerra mundial.¹⁵ Exige-se uma nova ordem internacional diante da falência insuperável desta.

¹³ “The first serious talks between the Afghan government and the Taliban took place ten days ago in Mecca under the auspices of King Abdullah of Saudi Arabia. During the discussions all sides agreed that the war in Afghanistan is going to be solved by dialogue and not by fighting. The Taliban leader Mullah Omar was not present but his representatives said he was no longer allied to al Qa’ida.” (in Cockburn, Patrick “Obama and McCain’s goofy afghan bluster” 7 Oct 2008)

¹⁴ “America’s defense budget is now larger in inflation-adjusted dollars than at any point since the end of World War II, and yet our Army has fewer combat brigades than at any point in that period; our Navy has fewer combat ships; and the Air Force has fewer combat aircraft. *Our major equipment inventories for these major forces are older on average than any point since 1946—or in some cases, in our entire history.*” *This in itself is a national disgrace.* Spending hundreds of billions of dollars on present and future wars that have nothing to do with our national security is simply obscene. And yet Congress has been corrupted by the military-industrial complex into believing that, by voting for more defense spending, they are supplying “jobs” for the economy. In fact, they are only diverting scarce resources from the desperately needed rebuilding of the American infrastructure and other crucial spending necessities into utterly wasteful munitions. If we cannot cut back our longstanding, ever increasing military spending in a major way, then the bankruptcy of the United States is inevitable. As the current Wall Street meltdown has demonstrated, that is no longer an abstract possibility but a growing likelihood. We do not have much time left”. (in Truthdig, 29/sept/2008; italics from author PALF).

¹⁵ LaRouche” So, accordingly, the crisis of Germany's Red-Green coalition, which led into the present government of Chancellor Angela Merkel, was already a crucial step in the direction of what has now become the Lisbon Treaty draft. That draft has been a step which, adopted, would eliminate all future possibility of sovereign governments from relevant parts of western and central Europe. It is currently intended that this should be done, and that very soon, in favor of a dictatorship over Europe operating from London. This change reflects a commitment to foreseeable mobilization of NATO and other military forces based in a Europe united into the nuclear-armed force of a single British colony under the reign of the draft Lisbon Treaty. This would be a dictatorship designed for launching what is already in progress as escalated postures of armed confrontation, and even nuclear-armed “preventive” warfare against Russia, China, India and their Asian and African partners.” (in LaRouche, “The current strategic situation: our world-outlook now”, 30 May 2008); “The British Empire, as I have described it, is determined to have a war with Russia, China, and India. Since the agreements, the Maastricht agreements, and now with the French elections, all of continental Europe west of Russia/Belarus, is nonfunctional. What has been going on in Southwest Asia is the lever for a conflict with Russia, China, and India.” (in

¹⁶ Fala-se no fim de uma era. ¹⁷ No entanto, a urgência dos imperativos vitais para a humanidade em nada a aproxima das razões intrínsecas do capital. ¹⁸ Exige-se uma nova ordem humana, justa e pacífica. Não há, no entanto, no campo das potências industriais decisivas, diferentemente do que ocorria nos anos 30 do século XX e nas décadas seguintes, nenhuma força política capaz de promover seja revoluções políticas democrático-populares – como o New Deal, por exemplo - ou revoluções socialistas, como na Rússia imperial. A classe trabalhadora e demais classes burguesas não monopolistas, depois de décadas de educação formal universal estatal-capitalista e educação informal do capital expressa na adesão voluntária ou não aos imperativos da propaganda para o consumo e na universal desmoralização (e suas conseqüências) infligida pelo derretimento da URSS, não parece oferecer qualquer perigo às dominantes forças da guerra.

O que de fato se vê é o avanço da contra-revolução, das forças do status-quo do capital financeiro nas principais potências imperialistas. Uma outra sociedade e uma nova ordem financeira poderão, contudo, se fortalecer nas vitórias dos povos da América Latina. Equador, Bolívia e Venezuela são possibilidades de esperança renovada. O novo Bretton Woods mundial somente virá após o fim da guerra e ninguém sabe quando ela terminará. Enquanto isso, the show must go on, ou seja, a guerra tem de continuar.

LaRouche on Russian TV: "British Empire determined to have a war with Russia, China and India", 25 May, 2008).

¹⁶ "As you should know — let me make it clear, if you don't — the present international monetary system is effectively now finished. The date on which the collapse will actually occur, officially, is not yet determined. These things can not be precisely predicted, because there are too many factors. But the situation in the U.S. currency is absolutely hopeless. There's no possibility of a recovery; there's no possibility of a cessation of the present monetary crisis" (in LaRouche, Lyndon "Create a New Bretton Woods, End Post-Industrial Society" November 2007).

¹⁷ "É o fim de uma era. Um marco de que as políticas que começaram com Reagan e Thatcher não funcionam." (in Chade, Jamil "O Brasil pode ter o estouro da bolha na agricultura" –entrevista com Joseph Stiglitz - OESP, 7/10/2008).

¹⁸ "O "Diário do Povo", em Pequim, já publicou um artigo notável do economista Shi Jianxun propondo que o mundo crie "uma moeda diversificada e uma ordem financeira justa que não seja dependente dos Estados Unidos". Então onde vai parar o dólar e sua longa reputação de refúgio seguro? Em última análise, então, o maior perdedor pode muito bem ser os próprios Estados Unidos, e não me refiro unicamente aos padrões de vida de dezenas de milhões de seus cidadãos, mas à sua influência militar-estratégico-diplomática nos assuntos mundiais" (in Kennedy, Paul "Os efeitos não-intencionais das hipotecas de 105% ", FSP 7/10/2008)

São Paulo, 30/09-08/10/2008

Paulo Alves de Lima Filho

Coordenador geral do IBEC (Instituto Brasileiro de Estudos Contemporâneos).

<http://www.ibec-estudos.org.br>.

Cientista Social, economista.